

2008/04/14

A IMAGEM DUALISTA SOBRE OS ESTADOS UNIDOS

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

Diante de tantos interesses contrastantes que norteiam o âmbito da política internacional, principalmente pela multiplicidade de mudanças ocorridas com a globalização, é inevitável não relacionar o envolvimento dos Estados Unidos no campo de ação dos avanços tecnológicos; nos diversos conflitos internacionais; na liderança mundial econômica e principalmente como a maior potência militar global.

No campo dos avanços tecnológicos: os Estados Unidos mantêm o acelerado desenvolvimento e pesquisa de novas descobertas para manter e reforçar o poderio; nos conflitos internacionais: o poder militar norte-americano emprega durante tantos anos a força pela manutenção dos seus interesses, e conseqüentemente a sua liderança mundial econômica conquista mais riquezas, mesmo no enfrentamento de algumas crises econômicas.

Desta forma, os Estados Unidos são, em grande parte, visados por uma dupla imagem no contexto mundial, sendo que a primeira está relacionada pela grandiosidade de suas riquezas e poderes. Noutra visão, o País norte-americano é simplesmente rejeitado por um grande número de países que não admite a continuidade dessa liderança sobre o planeta.

A feitura deste artigo foi elaborada através de uma pesquisa do Serviço Mundial da BBC (2008) sobre a melhoria na imagem dos Estados Unidos. Independente da melhoria da imagem norte-americana perante o cenário mundial, o artigo relaciona outros julgamentos que reforçam e também contradizem os aspectos apresentados pela pesquisa do Serviço Mundial da BBC.

De início é imperativo destacar que a história dos Estados Unidos está enriquecida de acontecimentos advindos de inúmeras causas e de transformações políticas, econômicas e sociais. Descrevendo resumidamente sobre os fatores históricos, cumpre sublinhar que neste artigo estarão descritos elementos priorizados que envolvem a imagem norte-americana perante o cenário global.

Ao referir-se sobre a imagem dos Estados Unidos perante o mundo, comumente tal ação exige o emprego de muitos superlativos, tanto no aspecto positivo como também no aspecto negativo. Os aspectos mencionados sobre a imagem dos Estados Unidos são verificados, cotidianamente, nos meios de comunicação; na imensa divulgação ideológica dos movimentos políticos, sociais e grupos fundamentalistas; nas numerosas obras literárias de autores estrangeiros e norte-americanos; no meio acadêmico através de estudos e pesquisas; nos debates das organizações mundiais onde são discutidos assuntos e temas pertinentes ao futuro, enfim numa enormidade de outros setores existentes na sociedade os Estados Unidos se tornam um dos principais agentes da esfera político-econômica mundial.

Mediante a pesquisa elaborada pelo Serviço Mundial da BBC, o resultado final revelou que a opinião da sociedade global melhorou sobre a imagem dos Estados Unidos. De acordo com a sondagem efetuada em vários países, a “influência positiva” norte-americana subiu quatro pontos percentuais em um ano, ou seja, 31% no final de 2006 para 35% em dezembro de 2007.

Nesta sondagem positiva, a pesquisa ressaltou ainda que em relação ao ano anterior, a imagem dos EUA obteve a melhoria em 11 dos 23 países (2006), mas também no referido período à sondagem negativa da imagem norte-americana piorou em apenas três países, sendo o Canadá, Egito e Líbano. No entanto, a numerosa opinião negativa contra a influência norte-americana continua ampla com 47%, independente da queda de cinco pontos percentuais avaliados no mesmo período.

Com base no panorama geral dessa pesquisa feita pela primeira vez, os dados coletados apontaram uma reversão da tendência dos anos anteriores. Desde o início da pesquisa em 2005, ocorreu um aumento na avaliação positiva dos Estados Unidos, difundindo que tal medição denota uma queda na avaliação negativa. Noutras palavras, a sondagem foi executada em 34 países com a participação de 18 mil pessoas, incluindo o Brasil e países da América do Sul.

Em relação ao resultado divulgado, a avaliação mais positiva sobre a influência mundial norte-americana foi apontada pela Alemanha e o Japão. Contrariamente, o Irã foi o país que avaliou a



imagem norte-americana com o pior resultado, devido aos inúmeros conflitos entre ambos os países no passado.

Segundo a opinião de Kurt Volker, um oficial do departamento de Estado americano, a resposta dada, ao saber dos resultados da pesquisa sobre os Estados Unidos, foi a seguinte: “Nós somos uma superpotência. Temos uma responsabilidade enorme, uma economia grande, extenso alcance diplomático e militar [...] naturalmente o mundo olha para os EUA com mais atenção do que para outro país no mundo”.

A enumeração das principais características dos Estados Unidos apresentada por Volker condiz com a realidade mundial, porém, sustentada numa visão etnocêntrica americana. Algumas dessas características citadas por Volker são aceitáveis por um grande número de países dependentes dos Estados Unidos, contudo, algumas delas são questionáveis de outra forma de interpretações, ao mesmo tempo revestidas de contradições quanto à afirmação etnocêntrica de Volker.

Decerto, a credibilidade da pesquisa descreve os principais requisitos da melhora da imagem dos Estados Unidos, ademais, as reais dimensões do resultado são singularmente apropriadas para incrementar novas mudanças futuras na liderança dos Estados Unidos, após tantas amargas experiências com o terrorismo e os constantes conflitos no Afeganistão e no Iraque.

Outro aspecto que reforça a melhoria da imagem norte-americana no contexto mundial é destacado por Steven Kull, diretor de um departamento da Universidade de Maryland ao entender que “pode ser porque conforme se aproxima uma nova eleição presidencial, as visões dos EUA estão sendo mitigadas pela esperança de um novo governo vá se afastar da política externa que foi tão impopular no mundo”.

Ainda nesta mesma linha de considerações, os traumáticos acontecimentos da “era bushiana” levará o País a esperar um determinado período para ampliar a melhora da imagem norte-americana, a aceitabilidade dessa necessária mudança requer um novo entendimento com o comprometimento dos Estados Unidos na política internacional e também pelo acordo da posição político-ideológica dos outros países em relação ao “modus vivendi” norte-americano.

Embora o resultado da pesquisa favoreça a imagem mundial dos Estados Unidos, é importante frisar que uma observação levantada por Alexander (Reuters-2008) sobre a investigação elaborada pela BBC, indicou que a “sondagem não divulgou sua margem de erro”, de qualquer forma a relevância do resultado surpreende a opinião global sobre a imagem dos Estados Unidos.

Diante dessa realidade obtida na pesquisa realizada pelo Serviço Mundial da BBC, Sodré (1975) enfatizou que “o ritmo em que a história está marchando, nos dias que estamos vivendo, é de tal ordem que, a curtos intervalos, as situações mudam profundamente”.

É sobretudo importante assinalar que a ascensão meteórica dos Estados Unidos foi provocada por um conflito entre ingleses e americanos pelo aumento e criação de novos impostos. Na época os americanos invocaram a Magna Carta (1215) e renovaram pelo Bill of Rights (1689), com a finalidade expressa que o rei não podia decretar qualquer imposto sem a consulta ao Parlamento.

Neste período, os americanos não tinham representação parlamentar na Inglaterra, motivo pelo qual o rei recusou-se a consultar as assembléias coloniais. A partir desse momento, a relação entre Inglaterra e Estados Unidos provocou inúmeros impasses que resultou na Declaração de Independência feita pelos norte-americanos em 4 de julho de 1776. De acordo com os fatos históricos, a Inglaterra apenas reconheceu a independência dos Estados Unidos em 1783.

Se tomarmos para exemplo a história norte-americana, veremos que, no começo do século passado, o Governo de Washington mandou um representante diplomático junto à corte de D. João VI “com as melhores intenções de promover o desenvolvimento do comércio de seu país”. O historiador da diplomacia norte-americana, Samuel Flagg Bemis, escreve que “Na primeira metade do período nacional da história americana um dos principais objetivos da política exterior tinha sido eliminar as barreiras dos monopólios coloniais europeus, particularmente do Novo Mundo, que restringiam a entrada dos navios e mercadorias norte-americanas”. E diz mais: “Com uma crescente exportação de manufaturas procurando mercados no exterior, os recursos da diplomacia americana se voltaram depois para o objetivo de assegurar, onde fosse possível, vantagens pelo menos iguais ou mesmo especiais para o comércio americano e incorporá-las em tratados”. (IANI, 1972, p.76).

Esse fenômeno se torna manifesto porque com a sua independência garantida os Estados Unidos podem efetuar um franco desenvolvimento na busca da liderança global.

Em primeiro plano, o poder supremo dos Estados Unidos não está representado apenas na constelação de estrelas incluída em sua bandeira; a abrangência desse império ultrapassa em vários níveis econômicos associados ao poder de força sobre qualquer outro país, a multiplicidade de fatores hegemônicos da liderança mundial norte-americana praticamente é no momento imbatível.

No presente, o termo “superpotência” é definido por Pinto Silva (2007) como o “Estado com poder para influir decisivamente em eventos em escala mundial (capacidade de projetar poder ao redor do mundo, de exercer forte influência cultural – soft power - e grande poder econômico).

Conseqüentemente para reforçar a veracidade do que representa o termo da superpotência, o mesmo autor ainda complementa, que “Não resta dúvida que, em nossos dias, os Estados Unidos assumem a condição de superpotência mundial, segundo alguns estudiosos, de maneira isolada”.

A somatória da grandeza dos Estados Unidos, em todos os sentidos, é considerada a plena convicção do coroamento imperialista sobre os demais países. Deliberadamente a marcante concentração de poder e força conquistada durante a existência dos Estados Unidos é a denominação realista da condição de superpotência mundial.

Valendo-se da condição de se considerar a única superpotência mundial, desde a extinção da União Soviética, os Estados Unidos continuam utilizando a força repressora do poder imperialista na imposição de seus interesses. Em face de não haver mais a temerosa bipolaridade resultante do temor nuclear, dos sentimentos nacionalistas provenientes da guerra fria, que segundo Mesquita Júnior (2006, p.129), foi “a rivalidade política e ideológica que se estabeleceu logo após a Segunda Guerra Mundial, entre os dois protagonistas vencedores do conflito, os Estados Unidos e a União Soviética”.

Prontamente numa fragilidade socialista assumida pelo fim do poder soviético, sem nenhuma demora os Estados Unidos fortificaram sua hegemonia perante os países que apoiaram a ideologia socialista da ex-União Soviética.

Ademais, o fracasso do socialismo, que por muito tempo na fase do poder bipolar (EUA-URSS) e num mesmo prisma – “pari passu” -, foi o principal adversário do imperialismo capitalista norte-americano, e esse acontecimento de extrema importância para todo o mundo, foi referido abaixo da seguinte maneira:

A queda do Muro de Berlim, no dia 11 de novembro de 1989, iria modificar definitivamente a conjuntura geoestratégica. A implosão da União Soviética, em outubro de 1991, ocorria após a vitória americana na Guerra do Golfo. Pela primeira vez, sem rival, os Estados Unidos dominavam, enfim, o mundo. (RAMONET 1999, p.38).

Esse é um fator desafiador para adjetivar as transformações lastreadas para autenticar as mudanças da conjuntura geoestratégica mundial, da mesma forma Ramonet (1999) conclui que “na escalada internacional, os Estados Unidos encontram-se, portanto, colocados em uma situação de supremacia que nenhuma potência conheceu no último século”.

Em face das mudanças assinaladas pela posse única da liderança global por parte dos norte-americanos, sem a interferência soviética, o episódio se afigurou de modo vantajoso porque, conforme ressalta Vizentini (1992), que “nas últimas décadas os Estados Unidos se impuseram seja pela força militar, seja pelo convencimento ao nível político e ideológico, aliado ao seu estilo de vida, a superioridade de seu modelo econômico”.

De conformidade com o que representa os Estados Unidos para o restante do planeta, criou-se o sólido individualismo que o País é o responsável por toda a política internacional, de acordo com os interesses norte-americanos. Desse modo à imagem dos Estados Unidos obteve não apenas a certeza de sua liderança, tal conquista ocasionou um sentimento antiamericano e com isso diversos países criaram alternativas para que se tendesse para ao enfrentamento de idéias.

A inserção dos Estados Unidos no mundo como guardião dos valores da democracia faz parte do discurso e da prática das autoridades daquele país, que se sentem obrigados a intervir quando julgarem que países aliados possam estar ameaçados em seus interesses. (Vizentini 1992, p.32)

Os fatos provam que o policiamento imposto pelos Estados Unidos exerce o férreo domínio sobre o planeta, de uma maneira ou de outra, o imperialismo americano atentamente observa as manobras de seus países subordinados, excetuando de uma maneira mais branda e diplomática, aqueles que se aproximam – ou simplesmente que não venham ameaçar – sua liderança mundial.

O conceito moderno de “imperialismo” é definido por Mesquita Júnior (2006, p.141) como uma

“denominação dada ao controle político ou econômico de um país sobre outro ou outros, aplicando-se também ao exercido por um povo sobre outro ou vários outros”.

Constantemente associada à imagem negativa dos Estados Unidos existe uma obsessão mundial em declarar o “antiamericanismo”, que tem sido o fenômeno global alimentado pelo fanatismo religioso, pela esquerda e extrema-direita e por alguns intelectuais.

A maioria engajada no antiamericanismo define categoricamente os Estados Unidos como o bode expiatório da situação na qual o mundo enfrenta os conflitos políticos, as oscilações econômicas e a maior parte dos problemas sociais.

Em outras palavras, o antiamericanismo é um sentimento presente nos países do mundo islâmico, principalmente quando se atribuem aos Estados Unidos os efeitos maléficos do subdesenvolvimento, a maioria das guerras e golpes de estados inscritos na história mundial.

Desta forma, ao expressar o antiamericanismo, os países procuram encobrir as suas falhas internas que não correspondem à realidade ideológica que pregam ao mundo.

Dentre todos os fatores mencionados sobre a liderança e o poder militar dos norte-americanos, a principal ferramenta que conduz essa direção mundial –status- é certamente a forte economia americana.

Comodamente, os Estados Unidos sustentam a supremacia da economia mundial, mesmo quando o País enfrenta algumas crises econômicas e reveses de outra natureza, diante do poderio e da riqueza norte-americana, a liderança mundial continua intacta.

Não se pode perder de vista, dos últimos acontecimentos que vem afetando a área econômica dos Estados Unidos, por causa da crise no setor imobiliário, os motivos podem ocasionar diversas mudanças neste aspecto de recuperação. Portanto, não é apenas esse específico problema que afeta a economia norte-americana, nesse vértice tem que ser evidenciado os altos gastos com a manutenção de sua força militar de ocupação em alguns países como o Afeganistão e o Iraque, conflitos que vem causando imensos estragos na economia dos Estados Unidos.

De acordo com a problemática atual da economia norte-americana, diariamente são enunciados rumores e análises políticas e econômicas que apontam para diversos resultados, sem que haja realmente um desfecho final para o momento. Os aspectos conflitantes da crise imobiliária estão sendo remediados com rapidez para que não haja o agravamento de uma inevitável recessão anunciada pelos órgãos econômicos norte-americanos.

Nesse ínterim, o economista brasileiro Nassif (2008) detalhou em sua coluna na Agência Dinheiro (03/04/2008) a seguinte informação de interesse sobre a crise financeira vivenciada pelos Estados Unidos nos últimos meses: Documento do FMI admite a atual crise financeira é a mesma grave desde a Grande Depressão do final dos anos 20. Para o ano, a previsão é que a economia americana cresça apenas meio por cento. Ontem, o presidente do FED Ben Bernanke admitiu que a economia caminha para uma recessão. Mas não aceitou a comparação com a crise de 1929. Na época, se deixou a crise caminhar solta, confiando na “mão invisível do mercado”.

Fundamentalmente a supremacia da economia norte-americana possui instrumentos eficazes para resistir às oscilações oriundas dos fenômenos da economia globalizada. Essa segurança no campo econômico está assegurada porque consistem em substanciais ganhos adquiridos ao longo tempo com relação ao mercado internacional, as notícias veiculadas nos meios de comunicação com os resultados financeiros obtidos pelos norte-americanos somam vultosas quantias, com expressivos resultados com lucros.

O maior e mais importante país capitalista do planeta, do qual depende a segurança político-militar de todo sistema, tornou-se uma nação importadora de produtos manufaturados, inclusive alguns bastante sofisticados. Numa fase de relativa estagnação atingindo vários setores, o American Way of Life é, cada vez mais, sustentado pelo consumo de mercadorias importadas. (Vizentini 1992, p.24).

Potencialmente, os Estados Unidos para manter essa postura vencedora, se utilizam de uma predominante metodologia econômica que se difere do restante dos países. Para assegurar continuamente o comando da liderança econômica mundial, os Estados Unidos contam com o apoio de um grupo de países desenvolvidos, considerados como potências mundiais para incrementar novas regras que sejam necessárias para equilibrar o mercado.

[1]Bacharel em Relações Internacionais (SOCIESC-IBES) e Pós-graduando em Gestão de Negócios Internacionais (ICPG-Blumenau-SC) e-mail: gbarroslima@yahoo.com.br.

126 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/01/26

THE VIRTUES OF DEBATING DEFENCE POLICY

Tiago Fernandes Mauricio[1]

2011/12/07

AFRICOM, UM OLHAR MAIS ABRANGENTE SOBRE ÁFRICA

Pedro Barge Cunha[1]

2011/10/20

BILHETE DE IDENTIDADE MILITAR[1]

Fernanda Maria Costa[2]

2011/07/07

A RETIRADA AMERICANA DO AFGANISTÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2011/05/29

O DISCURSO DE OBAMA E O MÉDIO ORIENTE

Alexandre Reis Rodrigues

2011/05/09

ESTUDOS SOBRE O FUTURO DO FENÓMENO DA GUERRA

João Nunes Vicente[1]

2011/01/14

JOSÉ MOURINHO, UM PORTUGUÊS DE QUINHENTOS

João Brandão Ferreira

2010/12/27

A POLÍCIA QUE NÃO PODE PRENDER[1]

Paulo Pereira de Almeida[2]

2010/07/12

FORÇAS ARMADAS: INÚTEIS OU INDISPENSÁVEIS?[1]

Paulo Pereira de Almeida[2]

2010/07/09

A INTERVENÇÃO MILITAR DA OTAN NA JUGOSLÁVIA[1]

Carlos Ruiz Ferreira[2] (Brasil)

2010/01/24

A CRISE FINANCEIRA INTERNACIONAL, AS CAUSAS PROVÁVEIS – AS SOLUÇÕES POSSÍVEIS[1]

Eduardo Serra Brandão[2]

2009/08/16

Os EUA E AS RELAÇÕES RUSSO-IRANIANAS

Alexandre Reis Rodrigues

2009/08/01

IRÃO, UMA CRISE NÃO RESOLVIDA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/07/15

A CIMEIRA EUA/RÚSSIA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/07/07

O TGV E A DEFESA NACIONAL

João Brandão Ferreira

2009/06/09

AS HIPÓTESES DE NEGOCIAR COM A COREIA DO NORTE

Alexandre Reis Rodrigues

2009/05/20

A GEOPOLÍTICA: CIÊNCIA DO CONFLITO NO ESPAÇO DO PODER

António Paulo Duarte[1]

2009/05/03

GEOPOLÍTICA DA GUERRA

Manuel Saraiva

2009/03/08

O QUE PODE MUDAR NA POLÍTICA DE DEFESA AMERICANA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/02/17

GAZA E AS ELEIÇÕES EM ISRAEL

Alexandre Reis Rodrigues

2009/02/01

QUO VADIS NATO? – OS GRANDES REPTOS PARA A ALIANÇA

Luís Falcão [1]

2009/01/22

A POLÍTICA EXTERNA DE DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS

Marcelo Rech[1] (Brasil)

2008/12/19

A HEGEMONIA NORTE-AMERICANA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Marcelo Rech[1] (Brasil)

2008/12/03

A EUFORIA NA ANGÚSTIA DO IMPÉRIO EM TRANSIÇÃO

Tiago Fernandes Maurício

2008/12/01

O PRESIDENTE OBAMA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/11/25

IRAQUE, DEPOIS DAS ELEIÇÕES AMERICANAS

Alexandre Reis Rodrigues

2008/11/14

EUA. O QUE SE PODE ESPERAR DE OBAMA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/10/24

RÚSSIA - A DOCTRINA MEDVEDEV

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/20

O IMPASSE IRANIANO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/17

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](II PARTE)

Victor Mota[2]

2008/07/16

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](I PARTE)

Victor Mota[2]

2008/07/08

A COREIA DO NORTE – UMA “BAIXA” NO EIXO DO MAL?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/06/16

A CHINA E A GLOBALIZAÇÃO DO MUNDO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/06/12

DIPLOMACIA ECONÓMICA: O QUE É? [1]

Daniela Siqueira Gomes[2]

2008/06/01

A PASSAGEM ÁRTICA DO NOROESTE[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2008/05/19

OS VIZINHOS DO IRAQUE E A RETIRADA AMERICANA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/05/14

A “NOVA” RÚSSIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/05/04

ISRAEL E SÍRIA: DO ATAQUE AÉREO DE 2007 A UM ACORDO DE PAZ EM 2008?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/18

BEMPOSTA ON THE ROAD - UM CONCEITO DIPLOMÁTICO

Bruno Caldeira

2008/04/15

O IRAQUE – UM BECO SEM SAÍDA?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/28

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE III

José Vale Faria[1]

2008/03/27

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE II

José Vale Faria[1]

2008/03/26

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE I

José Vale Faria[1]

2008/03/25

O QUE SERÁ A RÚSSIA DE MEDVEDEV?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/18

RETERRITORIZAÇÃO UTILIZANDO OS BIOMAS COMO UNIDADES ADMINISTRATIVAS

Fernando Baggio di Sopra[1] (Brasil)

2008/02/26

PAQUISTÃO: NOVO MOTIVO DE INQUIETAÇÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/23

A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DO AFRICOM PARA OS EUA EM ÁFRICA

Luís Brás Bernardino[1]

2008/02/19

A IMPORTÂNCIA DA GEOPOLÍTICA DO TERRORISMO[1]

Tiago Alexandre Maurício

2008/02/16

O QUE HÁ DE NOVO NA “INTELLIGENCE?”[1]

Francisco Proença Garcia[2]

2008/01/28

DUALIDADES GEOPOLÍTICAS E GEOESTRATÉGICAS PORTUGUESAS

João Brandão Ferreira

2008/01/14

OS INTERESSES DOS ESTADOS UNIDOS NA ÁSIA CENTRAL

Daniela Siqueira Gomes [1]

2008/01/11

A BOMBA PAQUISTANESA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/22

ACORDEM PORTUGUESES!

João Brandão Ferreira

2007/12/10

SEGURANÇA: VISÃO GLOBAL. A PERSPECTIVA DAS INFORMAÇÕES[1]

Jorge Silva Carvalho

2007/12/06

UMA NOVA OPORTUNIDADE PARA O IRAQUE E PARA O IRÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/11/27

A CONFERÊNCIA DE ANNAPOLIS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/04

A RÚSSIA PÓS PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/02

OS PORTUGUESES NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA – O DIAMANTE ESQUECIDO DA POLÍTICA EXTERNA PORTUGUESA[1]

Nuno Manalvo[2]

2007/09/30

A GEOPOLÍTICA DA SUSTENTABILIDADE[1]

Irene Maria Nunes[2]

2007/09/17

AFEGANISTÃO FORA DE CONTROLE

Marcelo Rech[1]

2007/09/07

A «RETIRADA» AMERICANA DO IRAQUE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/08/29

O VAZIO DE PODER NO IRAQUE

Alexandre Reis Rodrigues

2007/08/13

A AJUDA PÚBLICA AO DESENVOLVIMENTO: RUMO À ERRADICAÇÃO DA POBREZA?

Daniela Siqueira Gomes

2007/08/09

IRAQUE. O MAL MENOR

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/31

IDENTIDADE E INDIVIDUALIDADE NACIONAL PORTUGUESA

João Brandão Ferreira

2007/07/26

DE UMA FORMA OU DE OUTRA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/18

O MARXISMO

Pedro Conceição Carvalho

2007/07/11

A CIMEIRA DA LAGOSTA E O ESCUDO DE PROTECÇÃO ANTIMÍSSIL

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/04

FASCISMO E NAZISMO

Pedro Conceição Carvalho

2007/07/02

A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DA LITUÂNIA

Daniela Siqueira Gomes[i]

2007/06/20

O SISTEMA INTEGRADO DE SEGURANÇA INTERNA (SISI) E A SUA ARTICULAÇÃO COM O SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA REPÚBLICA PORTUGUESA (SIRP)[1]

Jorge Silva Carvalho[2]

2007/06/05

O SUCESSOR DE PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/06/04

AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS FINANCEIROS, OS NÚMEROS E O SEU SIGNIFICADO.

João Pires Neves[1]

2007/05/29

DEVEM OS CHEFES DE ESTADO MAIOR DECLARAR OS RENDIMENTOS?

João Brandão Ferreira

2007/05/29

OS SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES NO MUNDO ACTUAL[1]

Jorge Silva Carvalho[2]

2007/05/22

LIMITES À PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES NO ESTADO DE DIREITO DEMOCRÁTICO

Jorge Silva Carvalho

2007/05/19

A REGULAMENTAÇÃO DO SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA REPÚBLICA PORTUGUESA – CONTINUAÇÃO DA REFORMA[2]

Jorge Silva Carvalho[1]

2007/05/10

INTELIGÊNCIA E DEFESA NA TRÍPLICE FRONTEIRA: IMPACTOS DO ÚLTIMO RELATÓRIO DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA PARA O BRASIL

Fábio Pereira Ribeiro[1]

2007/05/02

SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA E A DEFESA DA NAÇÃO[2]

Fábio Pereira Ribeiro[1]

2007/05/01

AS RELAÇÕES RUSSO-AMERICANAS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/04/27

POLÍTICA DE DEFESA E INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA: PRIORIDADES PARA UM PAÍS COMO O BRASIL [1]

Fábio Pereira Ribeiro[2]

2007/04/26

O GRANDE DESAFIO DA DEFESA

Grupo de Trabalho do Instituto Humanismo e Desenvolvimento[1]

2007/04/25

AS FORÇAS ARMADAS E A ECONOMIA

Alípio Tomé Pinto[1]

2007/04/20

POLÍTICA DE DEFESA: INTERESSES NACIONAIS EM JOGO

Fábio Pereira Ribeiro[1]

2007/04/15

SEGURANÇA E DEFESA: UM ÚNICO DOMÍNIO?

Francisco Manuel Gomes[1]

2007/04/05

A ALMA DAS INSTITUIÇÕES

Alípio Tomé Pinto[1]

2007/03/24

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (3ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/03/23

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (2ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/03/22

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (1ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/02/20

UMA PARCERIA COM A RÚSSIA. É POSSÍVEL PARA O CURTO PRAZO?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/02/14

A VELHA NOVA ESTRATÉGIA DOS ESTADOS UNIDOS NO IRAQUE

Marcelo Rech[1]

2007/02/10

O CERCO APERTA-SE

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/02/09

ESTRATÉGIA NACIONAL PARA O MAR: UMA QUESTÃO FULCRAL

José Castanho Paes

2007/02/08

O GIGANTE INDIANO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/01/22

A ÚLTIMA CARTADA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/01/21

OS RECURSOS ENERGÉTICOS DO CAZAQUISTÃO E OS SEUS EFEITOS NO REALINHAMENTO ESTRATÉGICO: UM NOVO GRANDE JOGO?

Hugo Palma[1]

2007/01/20

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (III PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/19

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOEPOLÍTICAS (II PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/18

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (I PARTE)[1]

João Brandão Ferreira

2006/12/03

ANTI-MILITARISMO PRIMÁRIO

José Castanho Paes [1]

2006/10/26

O DIREITO À GUERRA JUSTA[2]

João Vicente[1]

2006/10/26

A GEOPOLÍTICA DE RATZEL, LA BLACHE E KJELLEN E O ECLODIR DA I GRANDE GUERRA

Hugo Palma[1]

2006/10/19

O 2º TESTE NUCLEAR DA COREIA DO NORTE

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/22

A GUERRA CIVIL NO IRAQUE

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/01

ALGUMAS VERDADES[1]

António Borges de Carvalho

2006/07/29

ORIENTE MÉDIO: A IMPOTÊNCIA DA ONU E A INDIFERENÇA NORTE-AMERICANA

Marcelo Rech (Editor do site brasileiro InfoRel)

2006/07/08

HÁ SOLUÇÃO PARA O IRAQUE?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/06/12

UM PONTO DE VIRAGEM NO IRAQUE?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/05/06

CICLO DE CONFERÊNCIAS «PORTUGAL E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS» - INFORMAÇÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/05/04

OS VOOS SECRETOS E A TORTURA NAS PRISÕES DA CIA

Marcelo Rech[1]

2006/04/01

GUERRAS JUSTAS OU GUERRAS DE NECESSIDADE. O CASO DO IRAQUE

Alexandre Reis Rodrigues

2006/03/28

EUA VERSUS IRÃO: TECNOLOGIA NUCLEAR OU PETRODÓLARES?

Eduardo Silvestre dos Santos

2006/03/28

PARA UMA LEITURA ESTRATÉGICA DA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES LUSO-MAGREBINAS

João Brandão Ferreira

2006/03/27

O COMANDO SUPREMO DAS FORÇAS ARMADAS

António Borges de Carvalho

2006/03/19

A GUERRA DOS CARTOONS

Alexandre Reis Rodrigues

2006/03/11

ÍNDIA. OS CUSTOS E VANTAGENS DA PARCERIA COM OS EUA

Alexandre Reis Rodrigues

2006/02/25

DIREITOS HUMANOS: VIOLAÇÃO E GUERRA CIVIL

Marcelo Rech[1]

2006/02/19

AFINAL, HUNTINGTON TINHA RAZÃO? SE NÃO FOR O PARADIGMA DAS CIVILIZAÇÕES, ENTÃO QUAL É?

Eduardo Silvestre dos Santos

2006/02/07

A PAZ

João Brandão Ferreira

2006/02/05

GEOPOLÍTICA PÓS-MODERNA: REPENSAR A GEOPOLÍTICA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Eduardo Silvestre dos Santos

2006/01/09

FILOSOFAR É PRECISO

João Brandão Ferreira

2005/11/25

ALIANZAS Y COALICIONES

Miguel Fernández y Fernández

2005/02/04

O EIXO DA TIRANIA [1]

Alexandre Reis Rodrigues

2004/03/16

A NOVA ORDEM INTERNACIONAL DE NOVA IORQUE

João Vieira Borges

2004/02/18

A POLÍTICA EXTERNA DE BUSH (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2004/02/15

A POLÍTICA EXTERNA DE BUSH

Alexandre Reis Rodrigues